

Ex^o Senhor Dom Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas,

Ex^o Senhor Dom Virgílio Antunes, Bispo Conde de Coimbra,

Ex^o Senhor Dom João Lavrador Bispo Auxiliar do Porto,

Ex^o Senhor Doutor Rui Marcos, Presidente da Direcção do CADC,

Demais Autoridades académicas e civis

Ex. as Senhoras e Senhores

1. Expresso em primeiro lugar a honra que sinto em aqui representar, na qualidade de familiar, o Arcebispo Emérito de Braga e antigo assistente desta casa, Eurico Dias Nogueira.

Lamento não obstante o encargo, porque a minha presença significa que o homenageado não se encontra em condições de se deslocar a esta casa de que tanto gostava. Dentro de breves dias, a 6 de Março, se Deus assim o quiser, fará 91 anos. Quis a Divina Providência mantê-lo activo até há bem pouco tempo, mas ultimamente as forças vão-lhe faltando. Dei-lhe conhecimento da iniciativa, quando da entrega do recente exemplar do número da Revista “Estudos” a si dedicada. Indaguei então se existiria possibilidade de aqui vir, mas a lucidez que mantém de imediato o levou a afastá-la. Ficou sem dúvida emocionado. Senti-o no olhar. Pediu-me que transmitisse aos presentes nenhuma razão divisar para ser objecto de tal atenção, mas estando assente o evento era com sentida pena que não comparecia. A todos agradecia com um abraço amigo, convicto de que compreenderiam a ausência.

2. A maior parte dos presentes contactaram com o homenageado em circunstâncias e momentos diferentes ao longo da vida. Alguns mesmo de muito perto. Encontrando-se aqui personalidades conhecedoras profundas do seu perfil enquanto sacerdote, para elas deixarei eventuais referências a tal dimensão. Focarei apenas o homem em traços esparsos. Referirei um pouco das suas raízes e percurso pessoal e familiar. Arriscando embora dizer o que muitos já conhecerão, procurarei que o desenho seja fiel ao que sinto.

3. Eurico Dias Nogueira nasceu em 1923 em Dornelas do Zêzere, a mais oriental aldeia do concelho da Pampilhosa da Serra e do distrito de Coimbra. Foi o filho terceiro de um conjunto de cinco, dos quais apenas três chegariam a passar da juventude. Desses, apenas ele e o irmão mais novo estão ainda entre nós. Recebeu o seu nome, não por tradição familiar mas como homenagem da sua mãe a um notável oftalmologista de Lisboa, de nome Eurico Lisboa, que, acreditava, a havia salvo do risco de cegueira iminente.

À margem deste facto, as suas raízes encontram-se fundamente plantadas nas terras que seu irmão mais velho e meu pai, costumava designar como da “*Beira-Serra e Zêzere ofiúsico*” e que identificava com um espaço situado em ambos os lados do curso médio do Zêzere, balizado pela Estrela, Açor e Lousã de um lado, Gardunha e Muradal do outro. De facto nos últimos cinco séculos todos os seus antepassados daí foram oriundos, desde que nos

inícios de quinhentos alguém ligado à Ordem do Hospital ali veio fundar uma Quinta que existe hoje sob o nome de Carregal e cujos descendentes por ali foram ficando.

A origem próxima teve-a em dois pequenos núcleos: as maternas em Fajão - antiga vila de senhorio eclesiástico, hoje uma das conhecidas Aldeias do Xisto - e suas anexas; as paternas justamente no Carregal, hoje anexa de Dornelas do Zêzere, ambas na orla do rio. Raízes que facilmente se ampliariam a outras povoações circundantes, mas todas integrantes daquele círculo restrito, moldadas através de redes familiares endogâmicas ali bem comuns até à segunda metade do século XX e que permitiriam sem grande receio de erro postular a parentela de parte muito significativa dos seus actuais habitantes.

Sendo certo que na região existiu tradicionalmente pouca concentração, tanto de riqueza como de pobreza extremas, a base familiar do homenageado situava-se num extracto associado à terra, mas do qual a dependência estrita da gleba conseguira ser afastada quando o seu pai, aos onze anos, apenas com o apoio da irmã mais velha, arriscara contra a vontade paterna rumar sozinho a Lisboa. Tinha em vista lograr estudos localmente impossíveis, que lhe facultariam mais tarde o acesso ao professorado primário. Conseguiu-o. Do lado materno o comércio local era conjuntamente com a terra, a base de sustentação.

Em ambos os troncos – que sendo aparentados o ignoravam por os laços remontaram muito atrás - existia tradicionalmente uma forte ligação à Igreja, traduzida na entrega ao estado clerical, ao longo dos cinco séculos anteriores, de quase duas dezenas de filhos. Na linha paterna um em particular se destacara nos finais do século XVIII, ao aceder ao doutoramento em Cânones na Universidade coimbrã. Os restantes, dispersos pela região, por aí exerceriam o seu múnus, em particular na Dornelas seu futuro berço. Mas também na família materna o gosto pelo saber não fora descurado. Os livros não faltavam e também gerações atrás, nela haviam surgido personagens de algum destaque. Um fora José Acúrsio das Neves, cuja bisneta, ainda residente em Cavaleiros, anexa de Fajão, era ainda visitada regularmente na Casa Branca em que o próprio economista vira a luz, pela mãe do homenageado e por ele próprio na altura com cerca de dez anos. Outro mais antigo terá sido Álvares Seco o geógrafo autor do primeiro mapa de Portugal.

Olhando para o passado assim delineado, naquilo que dele se pode ter projectado na idiosincrasia de Eurico Dias Nogueira, talvez seja possível acentuar algumas vertentes. O gosto pelo saber que o faria investir em Cânones e Leis, tornando-se um dos poucos prelados portugueses do século XX com formação jurídica nas áreas canónica e civil; a disponibilidade para servir a Igreja, tal como muitos dos seus ancestrais o haviam feito; a disponibilidade natural para correr mundo e aceitar os riscos da distância e da aventura; por fim uma arreigada paixão pelo seu torrão natal, ao qual queria sempre regressar na ressaca dos afastamentos.

4. Entre 1923 e 1945 Eurico Dias Nogueira cresceu e preparou-se intelectualmente para o que seria a sua vida. Frequentou a escola na terra natal sob a batuta do pai, tal como os irmãos. Terminada esta prosseguiu estudos no Seminário. Figueira e Coimbra seriam os seus destinos e a partir de então o regresso a Dornelas ocorreria apenas intermitentemente, nos intervalos escolares. Coimbra começava a ser a sua pátria adoptiva e a esse tempo remontam

algumas das amizades que o iriam acompanhar pela vida. Entre outros, dois tiveram lugar especial no seu coração, os cónegos João Evangelista, natural de Mira e Manuel Paulo, natural de Condeixa, o autor das conhecidas Crónicas que com o humor cáustico que o caracterizava, acompanhou regularmente no “Amigo do Povo” toda a saga política dos anos quentes da revolução de Abril. Com um outro, um pouco mais velho privou igualmente e através dele se tornaria colaborador assíduo do Correio de Coimbra: o cónego Urbano Duarte.

5. Ordenado padre em 1945, de imediato rumaria a Roma com alguns desses companheiros de percurso para obter formação canónico-jurídica, a qual completaria em 1948. Ali contactou pela primeira vez com o Direito e se sentiu motivado a cursar mais tarde o Civil. Tal como na Idade Média com o *utrumque*, foi em Roma que percebeu a complementaridade das duas formações e adquiriu a convicção de que dificilmente poderia compreender juridicamente a sociedade de modo integral apenas com apoio nos quadros canónicos. Assim em tempos mo confessou. Regressado ao país, inscreveu-se na Faculdade de Direito em 1950, terminando o curso em 1955 com excelente classificação. Seguiu-se a inscrição na Ordem dos Advogados e ainda que sem intervenção corrente no foro, nele não deixou de actuar ocasionalmente nos tempos que se seguiram, geralmente em causas de humanidade e da Igreja.

Para além da formação dual de base, foi por essa via um dos raros presbíteros portugueses com intervenção forense no seu *curriculum*, tal como o Padre Oliveira Martins, Juiz em Lamego nos anos cinquenta e poucos mais. Dessa vertente retiraria uma compreensão dos fenómenos sociais, não apenas de base livresca mas complementada na realidade do foro. Pelo gosto com que o olhava, se disponibilizaria algumas vezes, mesmo quando já investido em outras funções, para retomar o activo e defender certas causas, como no caso do julgamento dos padres do Macúti, levados a tribunal no contexto de um dos episódios que mais turvaram as relações entre a Igreja e o Estado em Moçambique na década der sessenta.

6. Entre 1955 e 1964 a sua vida fez-se em torno de Coimbra e é deste período a mais intensa colaboração com o CADC, como assistente. Provém dessa época também o relacionamento com alguns dos mais relevantes nomes da academia coimbrã que manteria ao longo da vida. De escrita fácil e clara, bem mais à vontade com a pena do que com a voz, foi então assíduo colaborador da revista Estudos, nela podendo ser encontrados numerosos textos da sua lavra em matéria política, eclesiológica e histórica, áreas que sempre o atraíram intelectualmente. Mas não se reduziu a esta Revista a verve literária e de investigação. Com muitas outras colaborou. Verdadeiramente nunca deixaria de escrever até quase aos noventa anos e contam-se hoje na sua bibliografia algumas centenas de títulos entre monografias e artigos em revistas e jornais. Novidades, Correio de Coimbra, Comarca de Arganil, Jornal de Fundão, Diário do Minho foram apenas alguns entre muitos. Interessou-se desde cedo pela problemática da missão. Ao tema dedicaria os trabalhos de formatura em Direito Canónico e Civil, no primeiro caso com “*A condição Jurídica das Missões Católicas no Ultramar Português*” e no segundo com “*O padroado de Portugal sobre as Igrejas do Ultramar*”. Seriam premonitórias, pois a oportunidade de as confrontar com a realidade ultramarina chegaria em breve.

7. É Também a esta época que dele preservo algumas das minhas mais fortes recordações afectivas. Por circunstâncias da vida, o seu irmão mais velho e meu pai, igualmente jurista coimbrão, acabaria por exercer a profissão no estrangeiro. Entendeu porém que os filhos deveriam obter a formação escolar no país, pelo que à medida que a idade era atingida, regressavam. Regressavam ficando à guarda de familiares e em parte de si mesmos. Consciente dessa ausência, o padre Eurico Nogueira, agora na posição de tio, assumiu o ónus de lhes tentar proporcionar parte do que em outras circunstâncias esperariam dos pais, mas não podiam de facto receber. Com o seu Volkswagen Carocha que manteria até à ida para Africa – conhecido em toda a Coimbra como o “carro do padre Eurico” - foi através dele que essas crianças conheceram o país e usufruíram na sua companhia de momentos inesquecíveis. Foi a faceta familiar que nunca abandonou e que mais tarde viria a repetir em Moçambique com outros sobrinhos nascidos posteriormente.

8. Em 1964 a sua vida recebe o rumo decisivo que o conduziria ao presente. Indigitado como Bispo de Vila Cabral, a actual Lichinga em Moçambique, seria ordenado em Dezembro desse ano.

Recordo bem o evento, nos limites que uma criança de dez anos o poderia reter. Dependurado de um balcão interno da Sé Nova, aqui bem perto, com a curiosidade própria dessa franja etária, relembro a cerimónia impressionante, sublime mesmo, da qual como imagem forte mantive o momento em que de rastos, nas lajes da capela-mor, aguardava a investidura. Senti então que algo mudava na relação quase filial que com ele tinha, eu e meus irmãos. E de facto, nada voltaria a ser igual.

Em breve seríamos chamados a despedirmo-nos dele, primeiro para Roma a participar no Concílio Vaticano II de onde regressaria para de imediato rumar a Moçambique.

Da Roma conciliar traria como lembrança o anel com o seu nome que Paulo II quis ofertar pessoalmente a todos os que nele participaram e que sempre usava em cerimónias oficiais como o mais precioso dos símbolos. É um dos últimos possuidores de tal lembrança ainda vivos, como há algum tempo recordava o Prof. Rebelo de Sousa numa das suas crónicas semanais.

De então em diante a sua figura, ante presente nos momentos chave, transformou-se numa imagem da qual se sabia apenas por carta ou por terceiros, quando acontecia, sucedendo os contactos directos muito remotamente, quase apenas nas chegadas e partidas, de tempos a tempos. Foi um pouco o momento de os sobrinhos ficarem pela segunda vez órfãos.

9. Até 1972 permaneceria em Moçambique na diocese original. Conhecendo pessoalmente partes deste país nunca nesse recanto remoto estive. Certamente com pena pois dele dizia o homenageado que poderia ter sido um Éden se os homens o tivessem querido. Mas não quiseram. Foi antes a antecâmara, se não de um inferno pelo menos de um purgatório no qual muito sangue e dor correram nos anos em que ali permaneceu.

Como é sabido a presença de Portugal em Moçambique estava na altura já envolta em sérios riscos. Políticos e reais. Os políticos são de todos conhecidos. Os reais tinham a ver com o facto de o Niassa ser terra na qual a luta rapidamente passou de potencial a efectiva. Próxima da fronteira, estava ao alcance fácil dos movimentos independentistas. O novel bispo conhecia algo da realidade ultramarina - tinha-a tratado em textos académicas – mas não a vivera efectivamente, em especial aquela. Assumiu-a em nome dos valores que aceitara no lajedo da Sé de Coimbra e das preocupações intelectuais em que se empenhara.

Mas deve ter-se sentido pequeno para a afrontar sozinho. Pediu então apoio a alguns padres que conhecia de outras guerras, bem locais e pequeninas face à que se avizinhava. Eram amigos em quem confiava e com cuja juventude, tão crente de fé como minimizante do risco, contava, tal como contava consigo mesmo. Entre outros que receio não referir, aludo aos padres Jorge Camejo e Joel Antunes, este último hoje aqui presente, identificáveis certamente por alguns dos aqui presentes e que seriam no futuro seus apoios maiores em terras de além-mar.

No local rapidamente percebeu que Portugal poderia estar a perder a oportunidade de se projectar nesse espaço enquanto nação. Tanto por falta de presença humana, como de consciência da necessidade de articular a identidade local com a portuguesa. Mas o seu papel, enquanto bispo, não era essencialmente político. Era mais o de guardião da presença da fé cristã, sendo o resto instrumental. Fora isso que o motivava. Em tal contexto, com os militares no terreno a perseguir objectivos político-militares e populações apanhadas entre contendores, os problemas surgiam quotidianamente e avolumavam-se com rapidez.

A Igreja era muitas vezes a tábua de salvação dos mais fracos e a sua postura frequentemente incompreendida, por actuar num plano diverso. A defesa de vítimas involuntárias apanhadas no fogo cruzado era frequentemente entendida pelo poder civil como motivada por razões diversas, anti-patrióticas, em função dos relatórios feitos no terreno pela polícia política. Polícia que embora nem sempre suportasse a leitura mais crítica, foi lentamente construindo um dossier gigantesco no qual se avolumavam questões e problemas da vivência moçambicana, dos quais só muito mais tarde, depois de 1974, viria a ter noção clara.

Entre outras perplexidades perturbava-o, por conhecimento directo de uma tendência vinda da década anterior, saber que o governo da nação dificultava a fixação nas colónias, de professores oriundos da Metrópole, mesmo que titulares de diploma oficial, e em geral de quadros médios e superiores. Não aceitando as razões ou a ausência delas, intentou colmatá-la ao seu nível. Motivou então familiares próximos - seu irmão mais novo e cunhada – dos quais um filho nascido precisamente em Moçambique aqui se encontra hoje, para na condição de professores se lhe juntarem e ali exercerem o ofício. Faria o mesmo com profissionais de enfermagem.

Correspondiam a contactos de que dispunha e esperava que outros os pudessem imitar. Lentamente, de facto, outros se seguiram, parecendo que o seu apelo produzia frutos. Intentava assim criar bases para uma Vila Cabral virada para o futuro. Imagino que nos seus sonhos pensasse numa nova cidade, uma cidade do futuro e do conhecimento que emulasse a

Coimbra da sua juventude. Nunca o confessou, mas algumas vezes o sugeriu quando recordava com brilho especial nos olhos, as águas do Niassa e dizia lembrarem-lhe os marulhos do seu Zêzere. Creio que se viu nessa fase da vida como alguém que conseguiria contribuir duradouramente para os desígnios de Deus como missionário e como vector do desenvolvimento daquela sociedade. Suponho que não terá sido algo muito diverso do que um padre Fróis ou Anchieta terão pensado quando se expatriaram. E, de facto, remontam a essa época alguns dos mais brilhantes alunos que o Niassa gerou e mais tarde exerceriam funções de relevo.

10. Para além desses desígnios, formou a convicção de que um dos maiores contributos à diocese, seria o de tentar estabelecer pontes entre as religiões presentes no terreno. Sendo diversas, as que maior peso assumiam eram a cristã e muçulmana, sendo os seguidores desta última numerosos. Entendendo que a diversidade não impediria uma convivência fundada no respeito mútuo, promoveu então empenhadamente o diálogo entre religiões sem intenção prosélita. Esperava assim avalizar os germens da tolerância e através deles da própria democracia. Democracia na qual acreditava consolidadamente, desde que no pós-guerra fora a Roma e observara durante o quase mês inteiro que a viagem durara, a trágica realidade destruída dos países onde a ditadura assumira feição intensa.

Os seus colaboradores mais próximos aceitaram com entusiasmo a ideia e os frutos começavam a ver-se quando da sua transferência. Recordo a tristeza com que me relatou as sentidas palavras que lhe foram dirigidas no momento derradeiro da saída da diocese, por alguns dignitários muçulmanos com os quais lograra estabelecer pessoalmente laços de confiança e amizade, que suportavam convites recíprocos para cerimónias religiosas próprias. Um desses sobas, muito idoso, ao abraçá-lo dir-lhe-ia então metaforicamente, que em Lisboa ou em Roma não deviam saber bem o que faziam, quando mandavam destruir as pontes que ligavam as margens dos rios. Muito tempo depois chamar-se-ia a esta postura, diálogo entre religiões e assim ficou para os livros até Huntington lhe ter contraposto a de choque de civilizações.

11. Mas a vida é o que é. Em 1972 Eurico Dias Nogueira é transferido para Angola para organizar a diocese de Sá da Bandeira, hoje Lubango. Não a pediu, nem esta nem outra, chegando-lhe antes por determinação superior. Acatou-a com a humildade que lhe era natural. Alguma vez me terá confessado que a mudança o surpreendeu, pois pensava estar o seu destino orientado para Moçambique. Mas a política e a cúria assim não entenderam.

Levava consigo já muitos anos de África, ainda que em país diferente. O entusiasmo co-natural à criação da diocese de Vila Cabral era agora moldado por um saber de experiência feito. Menos exuberante – a idade o potenciava – e mais maduro, ali permaneceria até 1977 entre a Tundavala e o Namibe. Inicialmente o desafio enquadrava-se entre parâmetros conhecidos. Tratava-se de organizar uma diocese que pela primeira vez dispunha de um prelado residente. O organizador estava no seu campo natural e assim foi. Porém em 1975 a situação alterou-se radicalmente. A mudança de regime em Portugal, de ditatorial para democrático, implicou rapidamente o reconhecimento da independência de Angola. Eurico Dias Nogueira era então prelado e continuaria a sê-lo durante a fase de transição. Deparou por

isso, naturalmente, com dificuldades, não de guerra propriamente dita como acontecera em Moçambique, mas de natureza política, com as novas autoridades a exercer o poder num registo situado entre a incompetência atrevida e o bom-senso desconfiado. Os mesmos colaboradores de sempre acompanharam-no e ali se manteve numa gestão prudente, da qual o comprazia a ausência de violência quase total durante essa época, em toda a diocese. Sabendo que o nome da cidade se perderia quis deixar dele uma lembrança, incorporando então no brasão da diocese um símbolo heráldico identificativo do nome do Marquês.

12. Regressou por fim em 1977 a Portugal para logo em seguida ser nomeado Arcebispo de Braga, cargo do qual resignaria vinte e dois anos depois em 1999 com a idade de 76 anos, sucedendo-lhe o actual Arcebispo que aqui nos honra com a sua presença. Não falarei deste período pois aqui se encontra quem bem o conheceu nessa época e muito melhor o poderá fazer.

Co-lateralmente e para terminar, recordarei apenas que remonta aos primeiros tempos do regresso definitivo á pátria, o último grande serviço que prestou à sua terra natal. Aqui o refiro porque sendo pouco conhecido localmente, convém registá-lo para memória futura. Conseguiu através do apoio do então Ministro das Obras Públicas, Eng^o Lopes Porto que a sua terra obtivesse uma ponte sobre o Zêzere. Antes passava-se a vau ou de barca. Não por favor mas apenas pelo reconhecimento por parte do poder público de uma falha extrema que onerava injustamente toda uma região do interior. Pode parecer irrisório, mas foi essencialmente por essa obra ter existido que aldeia se transformou actualmente na mais populosa a seguir à sede do Concelho. Não fora assim, estaria hoje em vias de extinção como muitas outras e a região bem mais desertificada. É apenas uma lição de vida que mostra como uma pequena obra, criteriosa e no local e tempo certo, pode impedir o abandono do interior, de outro modo inelutável.

Manteve-se depois actuante em níveis diferentes, até recentemente as forças lhe começaram a faltar. Aguarda agora o chamamento que para si, tal como para os crentes, representa apenas o princípio de uma vida diferente. Até sempre, padre Eurico Dias Nogueira, assistente do CADC.

Coimbra, 21 de Fevereiro de 2014